PERCEPÇÕES DO DESENVOLVIMENTO EM TRÊS MUNICÍPIOS PAULISTAS

Julio Cesar Bellingieri[1]
José Gilberto de Souza[2]
Claudio de Souza Miranda[3]

Por meio de pesquisa de levantamento, este artigo mede as percepções dos habitantes de três municípios paulistas – Jaboticabal, Olímpia e Bebedouro – a respeito do desenvolvimento de suas cidades, relacionando tais percepções com a evolução/situação real do desenvolvimento destes municípios. No período de 1991 a 2010, os três municípios tiveram significativos avanços em seu Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) (considerado aqui como medida do desenvolvimento) e são atualmente desenvolvidos. Em Bebedouro, de instável desempenho econômico recente – caracterizado por oscilações do produto interno bruto (PIB) e queda de empregos industriais –, existem as percepções de que a cidade já foi mais desenvolvida no passado e não se desenvolveu nos últimos vinte anos – visões opostas às de Jaboticabal e Olímpia, de desempenho econômico estável, indicando que a percepção de desenvolvimento está ligada à condição econômica atual dos municípios, descolada da evolução real de seu desenvolvimento; ou seja, na visão da maioria dos habitantes, *o processo de desenvolver-se* vincula-se ao dinamismo econômico de suas localidades.

Palavras-chave: desenvolvimento; cidades; percepção de desenvolvimento; IDHM.

PERCEPTIONS OF THE DEVELOPMENT OF THREE CITIES IN THE STATE OF SÃO PAULO

Through a survey research, this paper measures the perceptions of the inhabitants of three cities in the State of São Paulo – Jaboticabal, Olímpia and Bebedouro – concerning the development of their cities by means of relating such perceptions with the real evolution/situation of development of these cities. In the period from 1991 to 2010, these three cities had significant progress in their Municipal Human Development Indexes (which we considered here as measure of development) and they are nowadays developed. In Bebedouro, with a recent unstable economic development characterized by fluctuations in the GDP and fall in industrial employment, we notice perceptions that the city used to be more developed in the past and that it has not developed for the last twenty years; this is opposed to the perceptions about Jaboticabal and Olímpia, with stable economic performance, which indicates that the perception of development is related to the current economic condition of the cities, thus unrelated to the real evolution of their development, that is, in the view of the majority of the inhabitants, *the process of development* is linked to the economic dynamism of their localities.

Keywords: development; cities; perception of development; IDHM.

---

1. Bacharel e mestre em economia pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) Araraquara e doutor em geografia pela Unesp Rio Claro. Professor do Centro Universitário Unifafibe de Bebedouro, São Paulo. *E-mail*: <julio@asbyte.com.br>.

2. Doutor em geografia humana pela Universidade de São Paulo (USP) e livre-docente pela Unesp Jaboticabal. Pós-doutor pela Universidad de Salamanca. Professor-associado do Departamento de Geografia e dos Programas de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (Unesp Rio Claro) e em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe do Instituto de Pesquisa e Relações Internacionais (Unesp São Paulo). *E-mail*: <jgilbert@rc.unesp.br>.

3. Doutor em controladoria e contabilidade pela Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA) da USP. Professor do Departamento de Contabilidade da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto (FEARP) da USP. *E-mail*: <csmiranda@usp.br>.

PERCEPCIONES DE DESARROLLO EN TRES MUNICIPIOS PAULISTAS

A través de la investigación por encuestas, este artículo mide las percepciones de los habitantes de tres municipios paulistas – Jaboticabal, Olimpia y Bebedouro – sobre el desarrollo de sus ciudades, en relación con tales percepciones de la evolución/situación real del desarrollo de estos municipios. En el período 1991-2010, los tres municipios tuvieron avances significativos en su IDHM (considerado aquí como una medida de desarrollo) y actualmente se les considera desarrollados. En Bebedouro, los recientes resultados económicos inestables – caracterizados por las fluctuaciones en el PIB y la caída de puestos de trabajo industriales – hay la percepción de que la ciudad se desarrolló en el pasado y no se ha desarrollado en los últimos veinte años; una visión opuesta a Jaboticabal y Olympia, cuyo rendimiento económico se considera estable, lo que indica que la percepción del desarrollo está vinculada a la situación económica actual de los municipios, separada de la evolución real de su desarrollo, es decir, en opinión de la mayoría de la gente, el *proceso de desarrollo* está relacionado con el dinamismo económico de sus ubicaciones.

Palabras clave: desarrollo; ciudades; percepción del desarrollo; IDHM.

PERCEPTIONS DU DEVELOPPEMENT EN TROIS MUNICIPALITES DE L'ETAT DE SÃO PAULO

À travers la recherche par sondage, cet article évalue les perceptions des habitants de trois municipalités de l'état de São Paulo – Jaboticabal, Olímpia et Bebedouro – sur leur croissance en se rapportant à leur évolution/situation réelle de développement. Pendant la période de 1991-2010, les trois villes ont connu un net progrès à ce qui concerne son IDHM (ici consideré comme indicateur de dévéloppement) et sont actuellement dévéloppées. À Bebedouro, de récente *performance* économique instable – caractérisée par oscillations du PIB et perte d'emplois industriels –, il y existe de perceptions que cette ville a été autrefois plus dévéloppée et qu'elle n'a point crûe dans les dernières vingt années; par contre, à Jaboticabal et Olímpia, des municipalités ayant une *performance* économique stable, les perspectives s'y opposent en indiquant que la perception du développément d'une ville est liée à sa condition économique courante séparée de sa réelle évolution, c'est-à-dire, d'après la plupart des habitants, *le procès de se développer* est attaché au dynamisme économique local.

Most-clés: développement; villes; perception de développement; IDHM.

JEL: R11; R58.

1 INTRODUÇÃO

Em determinados municípios do interior do estado de São Paulo, um assunto recorrente em editoriais de jornais, em discursos dos políticos, em conversas cotidianas e nas redes sociais é a *perda do desenvolvimento* de suas localidades. A essência desse pensamento pode ser resumida pelas seguintes afirmações: "nossa cidade parou no tempo, precisamos voltar a nos desenvolver!", e "outras cidades estão se desenvolvendo e nós, aqui, não!".

Nestes municípios, o "desenvolvimento perdido" parece relacionar-se à falta de emprego e de indústria, e à estagnação do crescimento demográfico e urbano da cidade. O desenvolvimento parece ser percebido como sinônimo de expansão econômica e urbana, e as cidades que não a vivenciam não estariam desenvolvendo-se.

Esta visão estaria até mesmo incorporada (e, por que não, seria emanada) pelos Poderes Executivos locais. Para estes, a atração de empresas (especialmente grandes empresas industriais) é sinônimo de desenvolvimento. Segundo Rodríguez-Pose e Arbix (1999), esta tese está profundamente enraizada no Brasil e é compartilhada por Ramalho e Santana (2002), para quem o setor automobilístico seria o que melhor encarnaria tal papel.

De fato, a partir da década de 1970, muitos municípios paulistas adotaram políticas de incentivos para a atração de empresas, por meio de isenções de impostos, doações de terrenos e criação de distritos industriais, em um contexto de políticas nacionais e estaduais para a interiorização da indústria. Estas empresas novas, uma vez instaladas no município, trariam o crescimento econômico e, consequentemente, o desenvolvimento (Tartaglia e Oliveira, 1988).

Souza (2007) afirma que é muito comum confundir desenvolvimento com a expansão e a crescente complexidade do tecido urbano, na esteira do crescimento econômico e da modernização tecnológica. "Para algumas pessoas, uma cidade 'desenvolve-se' ao crescer, ao se expandir, ao conhecer uma modernização do seu espaço e dos transportes, ao ter algumas áreas embelezadas e remodeladas" (*ibidem*, p. 95).

Assim, a partir dessas suposições, surgiram as seguintes perguntas de pesquisa deste trabalho: *i)* "quais as percepções dos habitantes a respeito do desenvolvimento de seus municípios?"; *ii)* "estas percepções estão de acordo com a evolução/situação objetiva do desenvolvimento destes municípios?". Em outras palavras, a população local considera seu município tão desenvolvido (ou não desenvolvido) tal qual mostram os índices de desenvolvimento?

O trabalho tem como objeto de estudo a análise de três municípios do interior do estado de São Paulo – Jaboticabal, Olímpia e Bebedouro – que reúnem características que consideramos importantes para a análise: têm tamanhos demográficos semelhantes,[4] ocupam hierarquia semelhante na rede de cidades brasileiras – tomando-se por referência o Regic 2007,[5] estudo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que apontou as regiões de influência das cidades do país (IBGE, 2008) – e, principalmente, têm vivido distintas trajetórias econômicas no período recente, as quais podem (ou não) determinar diferentes percepções do desenvolvimento por parte de seus habitantes.

4. Segundo Sposito (2006, p. 175), embora não haja consenso sobre estes parâmetros, no Brasil, "o que se denomina como 'cidades de porte médio' são aquelas que têm entre 50 mil e 500 mil habitantes", que é o caso dos municípios em análise. Porém, deve-se registrar que cidade de porte médio não é sinônimo de *cidade média*, uma categoria que vai além da dimensão demográfica e leva também em conta nível de especialização, diversificação econômica, organização espacial e influência regional (Amorim Filho e Sena Filho, 2005).

5. Regiões de Influência das Cidades 2007.

Em termos metodológicos, esta é uma pesquisa de caráter analítico-descritivo, efetuada por meio de levantamento, por uma abordagem predominantemente quantitativa, conforme será detalhado na seção 4.

Existem muitos estudos que objetivam medir percepções da população, especialmente em relação à avaliação de políticas públicas. Com menor frequência, há estudos que enfocam as percepções (e também as visões e representações) do desenvolvimento. Contudo, este trabalho distingue-se pelo seu objetivo, que é mensurar a percepção do desenvolvimento e confrontá-la com índices de desenvolvimento, ao nível municipal.

Entre os estudos de percepções, visões ou representações do desenvolvimento, sob um recorte municipal, Durham (1986) detectou as visões dos habitantes da periferia urbana de três cidades paulistas – São José dos Campos, Marília e Rio Claro – a respeito do *viver na* cidade. Embora não tenha tratado da percepção do desenvolvimento em si, o estudo mostrou a valorização da grande indústria como elemento dinamizador da cidade e, por que não, de seu desenvolvimento, resumida na ideia de que a cidade é boa para se viver, por seus recursos (em comparação com as pequenas) e pela tranquilidade (em comparação com as grandes), mas faltam os empregos industriais existentes nas grandes cidades. Segundo os habitantes: "o *progresso* da sociedade que garante a possibilidade de melhoria da vida privada consiste no processo de ampliação do mercado de trabalho e no acesso ao mercado de consumo determinados pela industrialização e na oferta crescente de serviços urbanos à população" (*ibidem*, p. 95).

Dundes (2001) estudou a emergência, a partir da década de 1960, de um discurso e de uma ideologia desenvolvimentista produzidos pelo novo poder político de Presidente Prudente, que preconizava a industrialização/atração de indústrias como a forma mais eficaz de promover o desenvolvimento do município.

Saquet e Saquet (2006), ao estudarem as implicações territoriais da criação de parques industriais em cidades do sudoeste do Paraná, concluíram que a atração de empresas é a forma predominante de industrializar estes municípios, que, no discurso das administrações municipais, seria a única forma de desenvolver suas localidades.

Souza (2006) identificou a percepção dos habitantes de Camaçari, Bahia, em relação às empresas instaladas no município, mostrando que, ao mesmo tempo em que 72,9% dos moradores tinham o que reclamar das empresas (pouco relacionamento com o comércio local, poluição do ar e da água etc.), 89% deles também não ficariam satisfeitos caso as empresas saíssem do município.

Delfino (2008) analisou os discursos e as práticas de planejamento urbano de três gestões municipais de Jaguaruna, Santa Catarina, no período de 1997 a 2008,

e concluiu que elas foram orientadas para o crescimento e a modernização da cidade com a intenção de transformá-la em uma cidade grande no futuro, respaldadas por uma ideologia que enxerga o desenvolvimento como sinônimo de crescimento econômico e de industrialização.

Iaochite (2008), estudando o polo cerâmico de Santa Gertrudes, São Paulo, entrevistou os moradores com a questão "o que é desenvolver Santa Gertrudes para você?", cujos resultados demonstraram que o desenvolvimento é considerado mais pelo aspecto econômico do que pela qualidade de vida.

Calegaro (2010) apreendeu a visão dos sujeitos sociais de Entre-Ijuís, Rio Grande do Sul, sobre o que consideram desenvolvimento local sustentável, cujos resultados apontaram para uma visão intermediária entre o desenvolvimento como crescimento econômico e o desenvolvimento sustentável, mas ainda persistindo um forte viés econômico.

Martinez (2011), analisando a política pública de atração de empresas para Bebedouro, São Paulo, ao perguntar a uma amostra de 349 habitantes "qual é considerado o principal ponto forte para o desenvolvimento da cidade?", obteve respostas que revelaram uma concepção de desenvolvimento inteiramente voltada para o crescimento econômico.

Pode-se avaliar que todos estes trabalhos apontam como resultados uma visão/percepção do desenvolvimento, na escala municipal, fortemente vinculada à expansão/dinamismo econômico e/ou industrial.

Neste artigo, definimos o desenvolvimento com base no paradigma do *desenvolvimento humano*, que pode ser medido pelo Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM). Este índice é uma adaptação metodológica do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) ao nível municipal, calculado a partir das dimensões *renda*, *longevidade* e *educação,* e é elaborado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), pelo Ipea e pela Fundação João Pinheiro (FJP), para todos os municípios brasileiros (Pnud, Ipea e FJP, 2013).[6]

Este artigo está estruturado em seis seções, incluindo esta introdução. A seção 2 faz uma revisão teórica sobre o desenvolvimento, ressaltando como o seu conceito e a sua mensuração variaram ao longo do tempo. A seção 3 traz uma breve caracterização dos três municípios e descreve seu recente desempenho econômico e desenvolvimento, por meio de dados do produto interno bruto (PIB), do PIB *per capita*, dos empregos formais, dos empregos formais da indústria e do IDHM, utilizando-se de informações da Fundação Sistema

6. Sobre as principais limitações do IDH e do IDHM, entre as quais não levar em conta a desigualdade de renda e não incorporar outras dimensões do desenvolvimento (a ambiental, por exemplo), ver Veiga (2010).

Estadual de Análise de Dados (Seade) (São Paulo, 2015a), do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) (Brasil, 2015) e do Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (Pnud, Ipea e FJP, 2013). A seção 4 descreve o método da pesquisa de levantamento e a seção 5 apresenta os resultados acerca das percepções de desenvolvimento dos municípios. Na seção 6 são interpretados os resultados e apresentadas as implicações desta pesquisa em termos de políticas públicas relacionadas.

2 EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE DESENVOLVIMENTO E DE SUA MENSURAÇÃO

O que é o desenvolvimento? Conceito, ideia, paradigma, visão, ilusão, utopia, mito, ideologia? Sinônimo de progresso, prosperidade, crescimento, industrialização, modernização, avanço tecnológico? Segundo Sachs (2008, p. 25), a "sua multidimensionalidade e complexidade explicam o seu caráter fugidio", e, "como seria de se esperar, o conceito tem evoluído durante os anos, incorporando experiências positivas e negativas, refletindo as mudanças nas configurações políticas e as modas intelectuais".

Com sua origem assentada na noção de *progresso* – enraizado na civilização com o advento da *modernidade*, a partir da metade do século XVIII (Sztompka, 2005) –, o atual conceito de desenvolvimento nasceu em meados da década de 1940, "(...) como uma *idée-force* a orientar a reconstrução do pós-guerra e, logo em seguida, o processo de descolonização (...) para tornar-se, lado a lado com a preservação da paz, a pedra de toque da filosofia de ação das Nações Unidas" (Sachs, 2001, p. 163; Veiga, 2010).

Alguns autores, como Escobar (2007) e Esteva (2000) consideram o discurso de posse do presidente dos Estados Unidos, Harry Truman, proferido em 20 de janeiro de 1949, a inauguração do desenvolvimento enquanto conceito ideológico, quando ele se referiu a *áreas subdesenvolvidas*. A partir daí, então: *i)* fundou-se a divisão do mundo entre países *desenvolvidos* e *subdesenvolvidos*; *ii)* preconizou-se a "necessidade" de os países subdesenvolvidos almejarem o modelo de desenvolvimento dos países industrializados, para o que deveriam adotar políticas voltadas ao *crescimento econômico* e à *industrialização*; *iii)* institucionalizou-se a busca do desenvolvimento, que seria efetivada com o auxílio de organismos internacionais (Organização das Nações Unidas – ONU, Banco Mundial, Fundo Monetário Internacional – FMI etc.).

Assim, o desenvolvimento era determinado pela industrialização, e era sinônimo de crescimento econômico, medido por um indicador de atividade econômica, o PIB *per capita* (Latouche, 2000).

Mas, já a partir da década de 1960, houve uma guinada nos estudos sobre desenvolvimento, de uma abordagem centrada exclusivamente no padrão de vida, associado ao nível de consumo, para uma abordagem que enfatizava os indicadores sociais, levando também em conta o bem-estar da população (Vitte *et al.*, 2002). Assim, nas décadas de 1960 e 1970, já se pode considerar a existência de um conceito de desenvolvimento social (ou socioeconômico), com ênfase na questão da pobreza.

Mas foi a emergência da problemática ambiental, no final dos anos 1960 e início dos 1970, a responsável pela primeira grande mutação do conceito de desenvolvimento. Sachs (2000) explica que, depois do entusiasmo pelo crescimento econômico das décadas de 1940 e 1950 e da descoberta das necessidades básicas nos anos 1960, a sobrevivência do planeta, a partir dos anos 1970, tornou-se o novo frenesi do desenvolvimento.

Em 1973, em um contexto de projeções ambientais alarmistas e à sombra da Primeira Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada no ano anterior, em Estocolmo, surgiu o conceito de ecodesenvolvimento, definido pela United Nations Environment Program (Unep) – Programa da ONU para o Meio Ambiente –, como o "desenvolvimento em níveis local e regional (…) consistentes com os potenciais da área envolvida, dando-se atenção ao uso adequado e racional dos recursos naturais e à aplicação de estilos tecnológicos" (Nobre e Amazonas, 2002, p. 35).

Segundo Layrargues (1997), o ecodesenvolvimento representa uma abordagem de desenvolvimento com horizonte temporal de décadas ou séculos à frente; supõe a necessidade do amplo conhecimento das culturas, dos ecossistemas e de como os indivíduos relacionam-se com o ambiente, e exige o envolvimento dos cidadãos no planejamento das estratégias.

Mas, de acordo com Sachs (2000), como o conceito de ecodesenvolvimento pressupunha a estagnação voluntária do crescimento econômico como forma de atenuar as agressões contra o ambiente, ele não teve boa aceitação, abrindo caminho para o surgimento e a consolidação, a partir de 1987, do paradigma do desenvolvimento sustentável, que recomendava justamente o crescimento econômico como forma de se reduzir a pobreza e, por consequência, os problemas ambientais.

Veiga (2010) considera o desenvolvimento sustentável a nova utopia, o novo paradigma do século XXI, que substituiria o velho industrialismo do século XX.[7]

7. Diversos autores criticam o conceito de desenvolvimento sustentável, por entenderem que seu sentido é frágil, vago e inacabado. Por exemplo, Layrargues (1997) afirma que o desenvolvimento sustentável não está preocupado em preservar o meio ambiente, mas sim em manter a lógica do livre mercado. Sachs (2000) e Escobar (2007) defendem que o conceito transformou a *natureza* em *meio ambiente*, tornando-a passiva e sem vida. Para Nobre e Amazonas (2002), o conceito possui força justamente pela sua imprecisão, ou seja, tornou-se aceito porque agregou posições teóricas e políticas contraditórias.

Em 1996, a Comissão para o Desenvolvimento Sustentável da ONU (CDS) publicou o *Indicators of Sustainable Development: guidelines and methodologies*, conhecido como livro azul, que atualmente baseia o desenvolvimento sustentável em quatro dimensões: social, ambiental, econômica e institucional, englobando um conjunto de cinquenta indicadores essenciais e 46 indicadores acessórios (UN, 2007).

Existe uma diversidade de indicadores, desde os que se contentam em mostrar sistemas de indicadores (*dashboards),* como o caso do livro azul da CDS, até os que se propõem a agregá-los em algum indicador sintético ou índice, como, por exemplo, a pegada ecológica (*ecological footprint* – EF).

No entanto, diversos autores, entre os quais Veiga (2010), reconhecem a dificuldade de se mensurar o desenvolvimento sustentável, dadas a grande variedade, a heterogeneidade, a ambiguidade e a subjetividade dos seus indicadores. "Se o próprio desenvolvimento *tout court* já não pode ser representado por um único número, o que dizer, então, sobre o desenvolvimento sustentável?" (*ibidem*, p. 174).

Em fins da década de 1980, o Pnud, da ONU, dedicava-se à criação de um indicador sintético que representasse, por si só, o desenvolvimento. Em 1990, foi lançado o Primeiro Relatório sobre o Desenvolvimento Humano do Pnud, o qual, inspirado nas contribuições teóricas de Sen (2000), defende que o crescimento da riqueza econômica não é a finalidade última do desenvolvimento, mas um meio para se ampliarem as capacidades dos indivíduos, entre elas um nível de vida decente, acesso à educação e uma vida longa e saudável (UNDP, 1990).

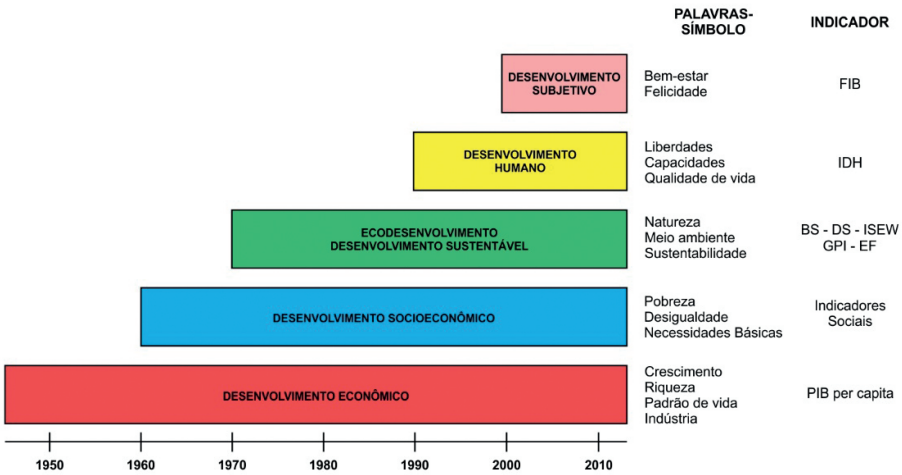
Neste relatório, é lançado o IDH – calculado a partir de três indicadores, relacionados à renda, à saúde e à educação –, que se tornou uma medida de desenvolvimento bastante aceita, adaptada por muitos países para uso nacional, estadual e municipal, inaugurando e institucionalizando, assim, o paradigma do desenvolvimento humano.

Já a partir dos anos 2000, inspirados em estudos que revelaram discrepâncias entre a riqueza material e a percepção de bem-estar da população, alguns autores, como Veenhoven (2000), têm defendido que indicadores objetivos não seriam suficientes para tratar de questões como a qualidade de vida de uma população. Estes autores propõem o uso de indicadores subjetivos (obtidos por meio das próprias declarações/percepções dos indivíduos) para se medir bem-estar, e, por consequência, desenvolvimento, inaugurando, assim, o paradigma do *desenvolvimento subjetivo*.

Em 2005, o governo do Butão construiu o índice para o *gross national happiness* (GNH), conceito criado em 1972 naquele país. No Brasil, o GNH foi denominado de felicidade interna bruta (FIB). O índice leva em conta 124 variáveis, agrupadas em 33 indicadores, dentro de nove dimensões, respondidas de acordo com as percepções dos indivíduos, por meio de questionários aplicados (Ura *et al.*, 2012). Em 2008, o governo da França organizou a Commission on the Measurement of Economic Performance and Social Progress, que adotou o bem-estar subjetivo como uma das dimensões da qualidade de vida (Stiglitz, Sen e Fitoussi, 2009).

A figura 1 sintetiza a evolução do conceito e da mensuração do desenvolvimento ao longo do tempo, além das palavras-símbolo que o representam em cada período.

FIGURA 1
Evolução do conceito e da mensuração do desenvolvimento



Elaboração dos autores.
Obs.: Figura cujos leiaute e textos não puderam ser padronizados e revisados em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

É importante ressaltar que o surgimento de novos conceitos (e indicadores) de desenvolvimento não significa que os anteriores foram abandonados e substituídos. Pelo contrário, existe uma superposição deles, de modo a coexistirem atualmente distintos paradigmas de desenvolvimento.

3 JABOTICABAL, OLÍMPIA E BEBEDOURO: DESEMPENHO ECONÔMICO E DESENVOLVIMENTO RECENTES

Jaboticabal está localizado na mesorregião de Ribeirão Preto e na microrregião de Jaboticabal; possui 71.662 habitantes e taxa de urbanização de 97,02%. Olímpia fica na mesorregião e na microrregião de São José do Rio Preto; possui 50.024 habitantes e taxa de urbanização de 94,44%. E Bebedouro localiza-se na mesorregião de Ribeirão Preto e na microrregião de Jaboticabal; tem 75.035 habitantes e taxa de urbanização de 95,29% (Pnud, Ipea e FJP, 2013).

Como grande parte dos municípios paulistas, Jaboticabal, Olímpia e Bebedouro tiveram grande expansão comercial, industrial e urbana nas primeiras décadas do século XX, em função da atividade cafeeira. Em 1930, a crise do café trouxe a estagnação dos três municípios, que, nas décadas que se seguiram, definiram diferentes perfis econômicos (Izidoro Filho, 1991; Marangoni, 2001; Bellingieri, 2007).

Em Jaboticabal, na década de 1940, a partir de duas empresas preexistentes, foram constituídas duas usinas de açúcar que, em 1968, passaram também a produzir álcool. Já a partir da década de 1970, com os incentivos governamentais do Programa Nacional do Álcool (Pró-Álcool), adquiriram crescente importância e transformaram-se nas maiores empresas locais. Nesse tempo, Jaboticabal consolidou-se como município centrado na agroindústria sucroalcooleira (Capalbo, 1999).

Além disso, na década de 1950, algumas cerâmicas fabricantes de filtros de água (filtros de barro) conquistaram o mercado nacional, tornando Jaboticabal a maior aglomeração brasileira de empresas desse segmento, e fazendo do filtro o produto símbolo da economia local (Bellingieri, 2007).

Outro fato relevante para o município ocorreu em 1966, com a instalação da Faculdade de Medicina Veterinária e Agronomia de Jaboticabal que, em 1976, foi incorporada à Universidade Estadual Paulista (Unesp), consolidando o município como um polo educacional, que atualmente conta com cinco instituições de ensino superior (Capalbo, 1999).

Olímpia manteve o predomínio do café até a década de 1960, quando a cultura foi erradicada e substituída pela produção citrícola (laranja) que, a partir dos anos 2000, foi suplantada pela cana-de-açúcar. Atualmente, a maior empresa industrial do município é uma usina de açúcar e álcool (São Paulo, 2015b).

No entanto, um fato que deu novo rumo à economia local ocorreu em 1987: a inauguração de um clube de águas quentes que, ao longo do tempo, foi transformando-se em um parque aquático de importância turística nacional. Em 2013, este clube atraiu 1,65 milhão de visitantes, tendo sido o primeiro parque da América Latina e o quinto do mundo em quantidade de visitantes anuais (São Paulo, 2015b).

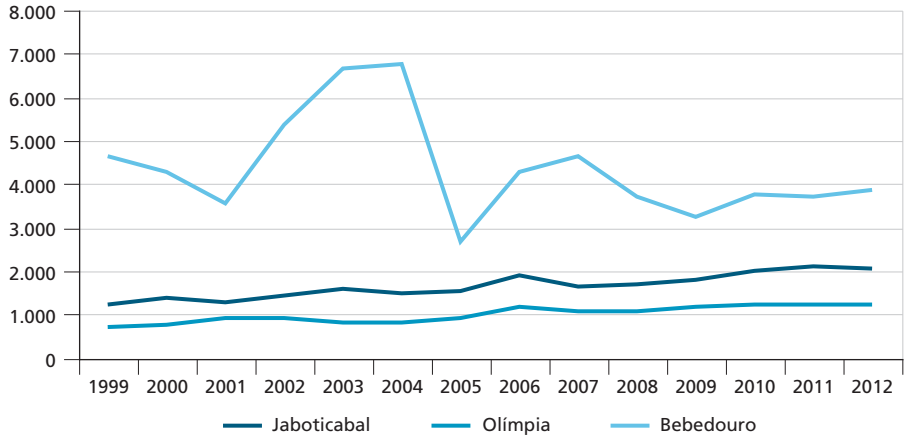
O sucesso deste empreendimento determinou, a partir de meados da década de 2000, forte *boom* turístico e imobiliário (com dezenas de hotéis, *resorts*, pousadas etc., em operação e em construção), definindo um novo perfil econômico para o município e transformando a vida cotidiana de seus habitantes. Tal perfil foi ratificado em 2014, quando Olímpia recebeu o título oficial de estância turística (São Paulo, 2015b).

Em Bebedouro, nas décadas de 1940 e 1950, em virtude de políticas de incentivo à plantação de laranja, a atividade citrícola generalizou-se. Em 1950, Bebedouro foi o terceiro município do estado em número de árvores; em 1959, o primeiro em exportações da fruta. Na década de 1960, constituiu-se o complexo agroindustrial citrícola, pelo surgimento de empresas processadoras de suco de laranja concentrado e congelado (Izidoro Filho, 1991). Nas décadas de 1970 e 1980, a relevância desse setor enraizou-se no município, que se tornou a capital nacional da laranja, apresentando forte dinamismo econômico.

No entanto, desde o final da década de 1980, transformações no setor citrícola, motivadas pelo baixo preço da laranja, pela queda da demanda mundial por suco de laranja e pelo aumento de custos de produção no setor (Bellingieri, Borges e Souza, 2012), trazem crises recorrentes à citricultura, repercutindo negativamente na economia bebedourense, que é altamente dependente desta atividade. Um dos efeitos tem sido a saída dos pequenos agricultores da atividade citrícola e o fechamento de empresas.

O gráfico 1 compara o desempenho econômico recente dos três municípios, a partir de dados de PIB corrente trazidos a valores constantes de 31/05/2014, pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA). O período descrito no gráfico, entre 1999 e 2012, refere-se à mais longa série histórica recente de PIB municipal, divulgada pela Seade, a qual, mesmo não abrangendo os dois anos mais próximos à pesquisa de levantamento (2013 e 2014), permite uma contextualização da evolução econômica dos municípios (São Paulo, 2015a).

GRÁFICO 1
PIB de Jaboticabal, Olímpia, Bebedouro (1999-2012)
(Em R$ milhões de 31/05/2014)



Fonte: Seade (São Paulo, 2015a).
Elaboração dos autores.

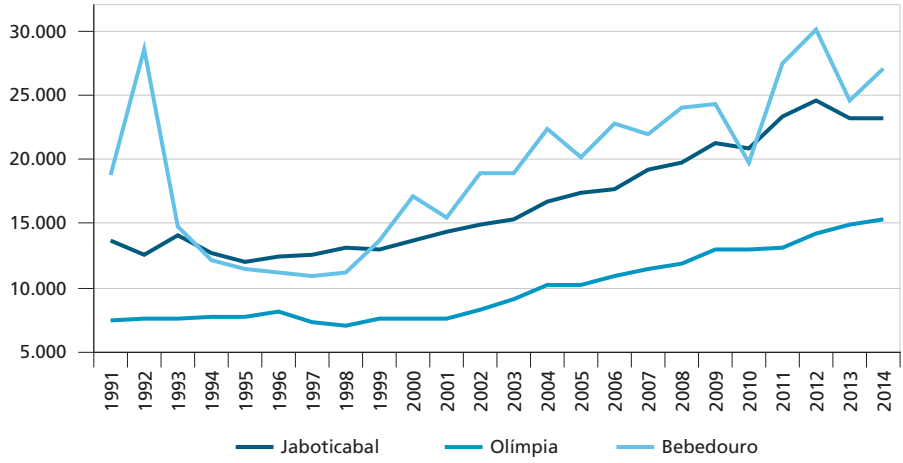
Entre 1999 e 2012, enquanto os PIBs de Jaboticabal e de Olímpia mantiveram-se em um crescimento uniforme, sem grandes oscilações de um ano para outro – no período, seu crescimento acumulado foi de 65,9% e 67,0%, respectivamente –, o PIB de Bebedouro, embora maior que o dos outros municípios, comportou-se de modo bastante volátil: sete anos de aumento e seis de queda, com uma redução acumulada de 17,2% (São Paulo, 2015a).

Neste período, o PIB *per capita* aumentou 52,5% em Jaboticabal e 51,0% em Olímpia. Foram aumentos menores que os do PIB porque houve aumento populacional de 8,76% e 10,58% nestes municípios, respectivamente. Já Bebedouro sofreu queda de 18,2% em seu PIB *per capita*, índice semelhante ao da queda do PIB, uma vez que a população permaneceu praticamente estável no período (aumento de 1,16%) (São Paulo, 2015a).

Em 1999, as participações relativas de Jaboticabal, Olímpia e Bebedouro no PIB estadual eram de, respectivamente, 0,13%, 0,08% e 0,49%. Em 2012, as participações eram de 0,14%, 0,08% e 0,25%. Ou seja, enquanto os crescimentos de Jaboticabal e Olímpia acompanharam o crescimento estadual, Bebedouro perdeu metade de sua participação, revelando seu declínio econômico relativo, isto é, em comparação aos demais municípios paulistas (São Paulo, 2015a).

Dados da Seade (São Paulo, 2015a) relativos a empregos formais (gráfico 2) mostram aumento praticamente ininterrupto do número absoluto de empregos em Jaboticabal e Olímpia, desde o início da década de 1990, acentuando-se nos anos 2000. Por outro lado, Bebedouro sofreu oscilações bruscas: em 1993, perdeu quase metade dos empregos (13.716), e seu número permaneceu estagnado durante quase toda a década de 1990. A quantidade de empregos que existia em 1991 só voltou a ser alcançada em 2002. A partir daí, houve recuperação do número de empregos, mas intercalada por anos de forte queda; a última delas, de 2012 para 2013, de 30.064 para 24.496 empregos, que significa queda de 18,5%. O período descrito no gráfico, entre 1991 e 2014, refere-se à série histórica de empregos formais, divulgada pela Seade (São Paulo, 2015a).

GRÁFICO 2
Número de empregos formais: Jaboticabal, Olímpia e Bebedouro (1991-2014)



Fonte: Seade (São Paulo, 2015a).

Para tornar as quantidades absolutas de empregos comparáveis entre os municípios, nós as dividimos pela população economicamente ativa (PEA),[8] obtendo-se a porcentagem da PEA que trabalha em empregos formais, em cada município. Este cálculo foi feito para 2000 e 2010, anos para os quais se obtiveram dados municipais da PEA (tabela 1).

8. A PEA é o número de pessoas de 10 anos ou mais que, na semana de referência do Censo, encontravam-se ocupadas no mercado de trabalho ou que, encontrando-se desocupadas, tinham procurado trabalho no mês anterior à data da pesquisa (Pnud, 2015).

TABELA 1
Número de empregos formais, PEA e empregos/PEA : Jaboticabal, Olímpia, Bebedouro (2000 e 2010)

Município	Variável	2000	2010
Jaboticabal	Empregos	13.681	20.841
	PEA	32.511	38.009
	Empregos/PEA (%)	42,1	54,8
Olímpia	Empregos	7.565	13.023
	PEA	22.861	26.553
	Empregos/PEA (%)	33,1	49,0
Bebedouro	Empregos	17.187	19.763
	PEA	37.306	40.741
	Empregos/PEA (%)	46,1	48,5

Fontes: Pnud (2015) e Seade (São Paulo, 2015a).
Elaboração dos autores.

Em 2000, Bebedouro possuía a maior taxa de empregos formais (46,1% da PEA), seguida por Jaboticabal (42,1%) e Olímpia (33,1%). Em 2010, as proporções alteraram-se: os três municípios passaram a ter taxas semelhantes: 48,5%, 54,8% e 49%, respectivamente. Ou seja, durante a década de 2000 houve, em Jaboticabal e em Olímpia, significativo crescimento da proporção de empregados formais, 12,7 e 15,9 pontos percentuais (p.p.), respectivamente, o que não ocorreu em Bebedouro, que manteve praticamente a mesma proporção de 2000 para 2010 (aumento de apenas 2,4 p.p.) (Pnud, 2015; São Paulo, 2015a).

Outra forma de retratar o emprego atual nos três municípios é dada pela tabela 2, que mostra a diferença (saldo) entre as admissões e os desligamentos dos empregados regidos pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) (Brasil, 2015). Estes dados absolutos não são comparáveis entre si, mas reafirmam a forte volatilidade do emprego em Bebedouro, em relação aos outros municípios.

Procurou-se captar também a situação do emprego no exato período em que foram feitas as entrevistas da pesquisa de levantamento, entre janeiro e abril de 2014: mostrados na última coluna da tabela 2, estes dados revelam saldo positivo em Jaboticabal e em Olímpia, e negativo em Bebedouro.

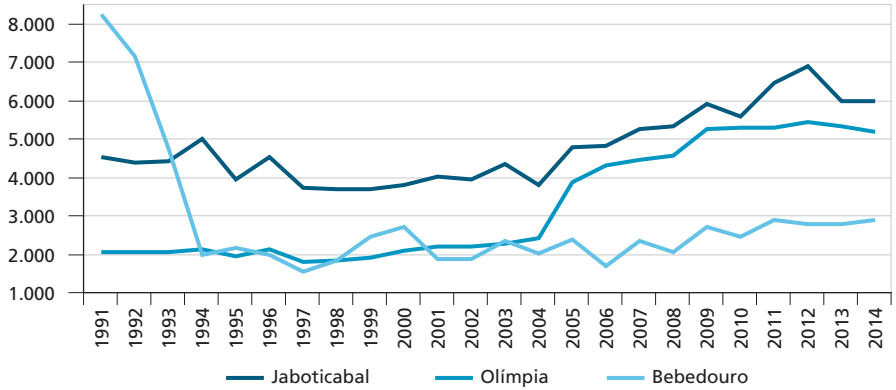
TABELA 2
Variação absoluta de empregos: CLT (2007-2014)

Município	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014 (jan.-abr.)
Jaboticabal	1.649	-75	1.119	326	1.836	776	-1.044	720
Olímpia	174	232	473	350	209	555	421	732
Bebedouro	-1.309	2.947	-1.070	-4.409	7.810	1.964	-1.695	-696

Fonte: Caged (Brasil, 2015).

Considerando-se somente os empregos formais da indústria (gráfico 3), em Jaboticabal e em Olímpia, houve crescimento de 32,5% e 153,8%, respectivamente, entre 1991 e 2014. Já em Bebedouro, houve queda de 64,8% nesse período, um declínio de 5.338 empregos industriais. O período descrito no gráfico, entre 1991 e 2014, refere-se à série histórica de empregos formais da indústria, divulgada pela Seade (São Paulo, 2015a).

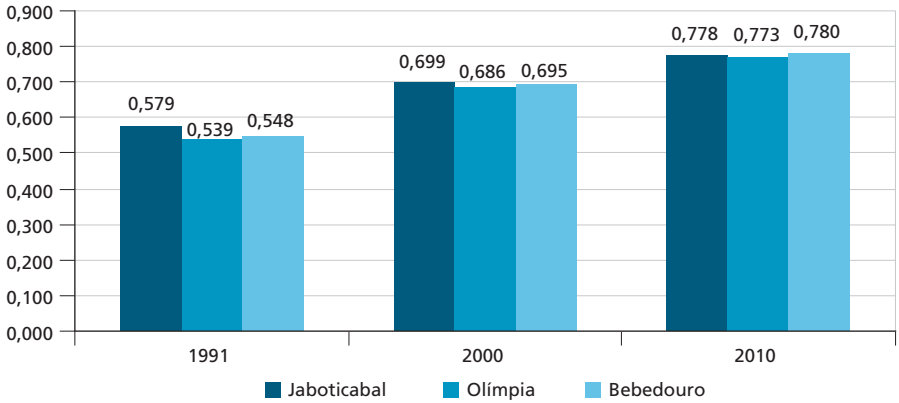
GRÁFICO 3
Número de empregos formais da indústria: Jaboticabal, Olímpia, Bebedouro (1991-2014)



Fonte: Seade (São Paulo, 2015a).

E em relação ao desenvolvimento dos três municípios no período recente? O gráfico 4 apresenta a evolução do IDHM de Jaboticabal, Olímpia e Bebedouro, nas últimas duas décadas. O IDHM tem periodicidade decenal e seus dados mais recentes são de 2010.

GRÁFICO 4
IDHM de Jaboticabal, Olímpia, Bebedouro (1991, 2000 e 2010)



Fonte: Pnud, Ipea e FJP (2013).

No período de 1991 a 2010, os três municípios avançaram em seu IDHM, seguindo a tendência da grande maioria dos municípios brasileiros. De acordo com as faixas do índice, em 1991, os três eram classificados como de *baixo desenvolvimento humano*; em 2000, passaram a ser classificados como de *médio desenvolvimento humano*; e, em 2010, eram de *alto desenvolvimento humano*. No período, Jaboticabal avançou 34,4% em seu IDHM, Olímpia, 43,4%, e Bebedouro, 42,3%. Considerando-se um período mais recente (2000-2010), os crescimentos foram bastante semelhantes: 11,3%, 12,7% e 12,2%, respectivamente (Pnud, Ipea e FJP, 2013).

Considerando o *ranking* paulista do IDHM (entre 645 municípios), Jaboticabal foi o 42º mais desenvolvido em 1991, passou a ser o 83º em 2000 e o 75º em 2010. Olímpia foi o 147º em 1991, passou para 127º em 2000 e para 96º em 2010. Bebedouro foi o 120º mais desenvolvido do estado em 1991, passou a ser o 93º em 2000 e o 66º em 2010. Assim, entre 1991 e 2010, Olímpia e Bebedouro ganharam, respectivamente, 51 e 54 posições neste *ranking*, ao passo que Jaboticabal perdeu 33. Levando em conta apenas o período 2000-2010, os três municípios subiram no *ranking*, isto é, avançaram em seu IDHM, relativamente mais do que os demais municípios paulistas (Pnud, Ipea e FJP, 2013).

Considerando agora os 5.565 municípios brasileiros em 2010, Jaboticabal é o 145º mais desenvolvido, isto é, apenas 144 ou 2,59% dos municípios do país estão em situação melhor que ele. Olímpia é o 197º do país, com 196 ou 3,52% dos municípios melhores que ele. E Bebedouro é o 128º mais desenvolvido, com apenas 127 ou 2,28% dos municípios do Brasil em situação melhor que ele (Pnud, Ipea e FJP, 2013).[9]

Analisando-se cada dimensão do IDHM isoladamente, a tabela 3 mostra a evolução da renda *per capita* média, que dá origem à dimensão *renda* do índice.

TABELA 3
Renda *per capita* mensal média: municípios (1991, 2000 e 2010)
(Em R$ de 01/08/2010)

Município	1991	2000	2010
Jaboticabal	701,77	771,99	1.015,51
Olímpia	482,91	696,23	783,14
Bebedouro	531,46	672,76	881,64

Fonte: Pnud, Ipea e FJP (2013).

9. Embora isto seja útil para mostrar a (positiva) evolução do desenvolvimento destes municípios, a divulgação do IDHM em forma de *rankings* pode induzir a comparações equivocadas entre municípios díspares em tamanho, localização geográfica e posição na hierarquia territorial, conforme alertou Veiga (2010).

Os três municípios obtiveram melhorias de renda entre 1991 e 2010, que se refletiram no crescimento da dimensão *renda* em 8,2%, 11,8% e 12,2%, respectivamente. A despeito da queda do PIB bebedourense entre 2000 e 2010, sua renda *per capita* média cresceu, porque seus valores são obtidos a partir das respostas ao questionário da amostra dos Censos, e não pela simples divisão do valor do PIB pela população.

A tabela 4 mostra a evolução dos indicadores educacionais nos três municípios, que dão origem à dimensão *educação* do IDHM.

TABELA 4
Indicadores de educação: municípios (1991, 2000 e 2010)
(Em %)

Indicador	Município	1991	2000	2010
População 5-6 anos na escola	Jaboticabal	42,90	84,38	96,43
	Olímpia	23,38	77,10	96,41
	Bebedouro	31,86	75,83	98,33
População 11-13 anos no ensino fundamental	Jaboticabal	58,66	80,09	89,39
	Olímpia	55,13	83,84	88,72
	Bebedouro	58,56	87,36	91,76
População 15-17 anos com ensino fundamental completo	Jaboticabal	37,57	58,08	69,59
	Olímpia	34,02	62,46	79,30
	Bebedouro	31,72	62,06	79,32
População 18-20 anos com ensino médio completo	Jaboticabal	22,02	39,17	54,67
	Olímpia	18,90	42,82	61,25
	Bebedouro	16,53	40,45	57,38
População 18 anos ou mais com ensino fundamental completo	Jaboticabal	33,01	45,01	59,73
	Olímpia	27,92	39,90	57,34
	Bebedouro	28,27	43,41	59,39

Fonte: Pnud, Ipea e FJP (2013).

Os três municípios tiveram avanços nos indicadores educacionais entre 1991 e 2010. O maior avanço ocorreu em Olímpia, com 132,8% de crescimento da dimensão *educação* do IDHM, seguida por Bebedouro, com 126,9%; e, com crescimento menor, Jaboticabal, com 88,3%.

Enfim, a tabela 5 mostra a evolução da esperança de vida ao nascer nos três municípios, que é base para o cálculo da dimensão *longevidade* do IDHM.

TABELA 5
Esperança de vida ao nascer: municípios (1991, 2000 e 2010)

Município	1991	2000	2010
Jaboticabal	68,03	73,48	76,08
Olímpia	70,75	73,07	77,02
Bebedouro	70,11	74,07	76,16

Fonte: Pnud, Ipea e FJP (2013).

Os três municípios também obtiveram avanços em suas expectativas de vida, principalmente Jaboticabal, que apresentou o pior índice em 1991 e, em 2010, praticamente se igualou a Bebedouro e ficou apenas um ano atrás da expectativa de vida de Olímpia.

4 MÉTODO DA PESQUISA DE LEVANTAMENTO

Esta é uma pesquisa de caráter analítico-descritivo, efetuada por meio de um levantamento, que se define pelo questionamento direto a um grupo significativo de indivíduos, cujas características, ações ou opiniões se deseja conhecer (Diehl e Tatim, 2004). O levantamento consistiu na realização de entrevistas aos habitantes dos três municípios, por meio de um questionário estruturado. As respostas foram analisadas quantitativamente, por meio de estatística descritiva, conforme modelo exposto por Fowler Junior (2011).

No questionário, foram utilizadas afirmações, em escala Likert,[10] a respeito da condição/evolução do desenvolvimento dos municípios. A escala, baseada em Vieira (2009), foi elaborada com os seguintes itens: concordo totalmente, concordo, discordo, discordo parcialmente, não sei avaliar. Decidiu-se não utilizar um item de meio termo na escala ("nem concordo nem discordo" ou "indiferente"), forçando o respondente a posicionar-se a favor ou contra a afirmativa, ou a dizer que não sabe avaliar. O quadro 1 reproduz a parte do questionário (aplicado em Jaboticabal) que contém as afirmações.

10. A escala Likert objetiva medir o grau de concordância ou discordância a respeito de uma afirmação, solicitando-se que o respondente escolha um entre vários itens desta escala, que varia do concordo plenamente ao discordo completamente, podendo existir ou não um item neutro (nem concordo nem discordo) (Vieira, 2009).

QUADRO 1
Afirmações do questionário da pesquisa de levantamento

Dê sua opinião sobre cada afirmação (assinale com X)	Concordo totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente	Não sei avaliar
1. *Jaboticabal* é uma cidade desenvolvida.					
2. *Jaboticabal* já foi um dia mais desenvolvida do que hoje.					
3. Durante os últimos vinte anos, *Jaboticabal* se desenvolveu.					
4. As pessoas da cidade acham que *Jaboticabal* é uma cidade desenvolvida.					
5. As pessoas da cidade acham que *Jaboticabal* já foi um dia mais desenvolvida do que hoje.					
6. As pessoas da cidade acham que, durante os últimos vinte anos, *Jaboticabal* se desenvolveu.					
7. *Jaboticabal* é mais desenvolvida do que *Ribeirão Preto.*					
Se você pudesse sair de *Jaboticabal*, sairia?	( ) Não ( ) Sim				

Elaboração dos autores.

As afirmações 1, 2 e 3 visam identificar a percepção dos habitantes sobre a condição atual e a evolução do desenvolvimento de seus municípios. As afirmações 4, 5 e 6 objetivam captar o que os habitantes julgam ser a percepção coletiva em relação ao desenvolvimento municipal.

A afirmação 7 compara a percepção do desenvolvimento do município com sua capital regional de influência (IBGE, 2008); assim, nos questionários aplicados em Jaboticabal e Bebedouro, a comparação foi feita com Ribeirão Preto, e nos aplicados em Olímpia, esta foi comparada a São José do Rio Preto.

A última afirmação, que na verdade é uma pergunta, que solicita resposta sim ou não, visa testar uma possível (in)coerência entre as percepções do desenvolvimento e o desejo de permanecer/sair do município.

Decidiu-se por uma quantidade de entrevistas que fosse próxima ao número da amostra necessária, caso este fosse um levantamento estatístico com amostragem aleatória simples que levasse em conta nível de confiança de 95% e erro amostral de 5%. Considerando a população das cidades, as amostras seriam de 383 em Jaboticabal e em Bebedouro, e de 382 em Olímpia (Santos, 2015).

Como as entrevistas em Jaboticabal encerraram-se primeiro e somaram 408, esta foi também a quantidade de entrevistas nos demais municípios. As entrevistas foram feitas entre os meses de janeiro e abril de 2014.

A tabela 6 descreve o perfil dos entrevistados em cada município. As amostras foram estratificadas, respeitando a proporção de sexo, faixa de idade (de acordo com dados da Seade de 2013) e faixa de renda (segundo dados do Censo de 2010 do IBGE) em cada município. Denominou-se de fundamental

a faixa de escolaridade contendo os entrevistados analfabetos e com ensino fundamental incompleto e completo; médio a faixa dos que possuem ensino médio incompleto e completo; e superior a faixa dos que têm ensino superior incompleto, completo e pós-graduação.

TABELA 6
Caracterização das amostras entrevistadas
(Em frequência e %)

Estratificação	Jaboticabal		Olímpia		Bebedouro	
	Frequência	(%)	Frequência	(%)	Frequência	(%)
Sexo						
Homens	200	49,0	199	48,8	202	49,5
Mulheres	208	51,0	209	51,2	206	50,5
Faixa etária						
16-34 anos	163	40,0	168	41,2	165	40,4
35-54 anos	142	34,8	134	32,8	138	33,8
55 anos ou mais	103	25,2	106	26,0	105	25,7
Faixa de renda						
Até 2 salários mínimos	248	60,8	284	69,6	287	70,3
Mais de 2 a 5 salários mínimos	113	27,7	94	23,0	89	21,8
Mais de 5 salários mínimos	47	11,5	30	7,4	32	7,8
Escolaridade						
Fundamental	136	33,3	127	31,1	118	28,9
Médio	153	37,5	212	52,0	154	37,7
Superior	119	29,2	69	16,9	136	33,3

Elaboração dos autores.

Cerca de 90% dos questionários foram respondidos por entrevista oral, aplicada pelo próprio autor em Jaboticabal, e pelo autor e mais uma equipe de três pessoas, em Bebedouro e Olímpia. Levando em conta a importância que Fowler Junior (2011) dá à padronização na aplicação de questionários, a fim de se evitar induções ou distorções nas respostas, os entrevistadores foram treinados, supervisionados e remunerados.

A entrevista iniciava-se com o entrevistador lendo para o respondente o breve cabeçalho do questionário, no qual se explicava que "as respostas não têm como ser identificadas e que se deseja apenas conhecer as opiniões, então não existe resposta certa ou errada". Em seguida, o entrevistador lia a afirmação (exatamente como estava formulada no papel), dava as opções de resposta (os itens da escala Likert) e assinalava na folha as opções escolhidas.

Cerca de 10% dos questionários foram autoaplicados, ou seja, os próprios respondentes preencheram-nos. Para questionários autoexplicativos, com um mesmo formato de questões e que se restringem a respostas objetivas (assinaladas), este método também produz bons resultados, conforme explica Fowler Junior (2011). Ainda assim, estes questionários foram aplicados somente a pessoas de mais alta escolaridade, como sugere Vieira (2009). Quando existiam partes não preenchidas do questionário, este era descartado.

Finalmente, os resultados de todas as entrevistas foram digitados no *software* SPSS®,[11] que calculou as porcentagens das respostas para cada afirmação e município.

5 PERCEPÇÕES DO DESENVOLVIMENTO DE JABOTICABAL, OLÍMPIA E BEBEDOURO

As tabelas a seguir mostram as porcentagens obtidas pelos itens da escala Likert para cada afirmação. As respostas "não sei avaliar" foram excluídas dos cálculos.

Em relação à afirmação 1 – (*nome da cidade)* é uma cidade desenvolvida –, os habitantes dos três municípios têm baixa percepção de que seus municípios são desenvolvidos. Em Olímpia, onde a percepção é mais positiva, apenas 37,5% (soma de concordo totalmente e concordo) dos entrevistados consideram-na assim. Em Jaboticabal, a percepção de que o município é desenvolvido é de 29,6%. Em Bebedouro, onde é mais negativa, esse percentual é de 25,2% (tabela 7).

TABELA 7
Afirmação 1 – escala Likert
(Em %)

Município	Concordo totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente
Jaboticabal	1,50	28,10	58,00	12,30
Olímpia	2,90	34,60	52,50	10,00
Bebedouro	0,70	24,50	63,00	11,80

Elaboração dos autores.

Sobre a afirmação 2 – (*nome da cidade*) já foi um dia mais desenvolvida do que hoje –, Olímpia tem a menor proporção de concordâncias: 22,2% concordam total ou parcialmente. Em Jaboticabal, essa proporção é de 38,9%. Em Bebedouro, a percepção inverte-se: 76,8% dos entrevistados consideram que o município foi mais desenvolvido no passado (tabela 8).

11. O IBM SPSS®, originalmente acrônimo de Statistical Package for the Social Sciences, é um programa de computador destinado à organização de dados e a análises estatísticas.

TABELA 8
Afirmação 2 – escala Likert
(Em %)

Município	Concordo totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente
Jaboticabal	4,30	34,60	52,40	8,80
Olímpia	0,80	21,40	69,10	8,80
Bebedouro	21,60	55,20	21,40	1,70

Elaboração dos autores.

Em relação à afirmação 3 – durante os últimos vinte anos (*nome da cidade*) se desenvolveu –, os habitantes de Olímpia têm a maior percepção de que isso aconteceu – 86% concordam total ou parcialmente –, seguidos dos de Jaboticabal, com 71,9% de percepções positivas. Em Bebedouro, novamente, a percepção é oposta: apenas 36,5% concordam, total ou parcialmente, que o município se desenvolveu (tabela 9).

TABELA 9
Afirmação 3 – escala Likert
(Em %)

Município	Concordo totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente
Jaboticabal	8,40	63,50	23,90	4,20
Olímpia	11,90	74,10	12,80	1,20
Bebedouro	1,00	35,50	53,90	9,60

Elaboração dos autores.

As afirmações 4, 5 e 6, relacionadas ao que os habitantes imaginam ser as percepções da população de seus respectivos municípios, trazem resultados bastante semelhantes às percepções individuais. As porcentagens obtidas de cada item da afirmação 4 são semelhantes às da 1, o mesmo ocorrendo quando se compara a afirmação 5 com a 2, e a 6 com a 3. Ou seja, suas percepções individuais são semelhantes àquilo que acreditam ser a percepção coletiva. Isso se dá principalmente em Jaboticabal. Nesta cidade, 29,6% dos sujeitos concordam, total ou parcialmente, que a cidade é desenvolvida, e 27,8% concordam que as pessoas da cidade também acham assim. Da mesma forma, 38,9% concordam que a cidade já foi um dia mais desenvolvida, e 39,7% concordam que as pessoas da cidade acham isso. Por fim, 71,9% concordam que a cidade se desenvolveu, e 65,1% concordam que as pessoas da cidade também têm essa percepção.

Já em Bebedouro, os sujeitos têm percepções individuais um pouco mais positivas daquilo que consideram que a população pensa: 25,3% concordam, total ou parcialmente, que a cidade é desenvolvida e 18,9% concordam que a população também pensa assim; 76,8% concordam que a cidade já foi mais

desenvolvida e 83,2% concordam que a população também tem essa percepção; 36,5% concordam que a cidade se desenvolveu, mas apenas 29,9% concordam que as pessoas também acham isso.

Sobre a afirmação 7 – (*nome da cidade)* é mais desenvolvida do que Ribeirão Preto (ou São José do Rio Preto) –, a tabela 10 mostra que a proporção dos que concordam, total ou parcialmente, fica em torno de apenas 3%, nos três municípios.

TABELA 10
Afirmação 7 – escala Likert
(Em %)

Município	Concordo totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente
Jaboticabal	0,20	2,70	42,20	54,90
Olímpia	0,50	3,00	53,40	43,10
Bebedouro	0,00	3,20	36,50	60,30

Elaboração dos autores.

Em relação à pergunta "se você pudesse sair da cidade, sairia?", aproximadamente metade dos sujeitos sairia, e outra metade, não, mostrando não haver diferenças significativas entre as percepções dos habitantes dos três municípios (tabela 11).

TABELA 11
Pergunta do questionário: se você pudesse sair da cidade, sairia?
(Em %)

Município	Não	Sim
Jaboticabal	52,20	47,80
Olímpia	51,50	48,50
Bebedouro	48,50	51,50

Elaboração dos autores.

A fim de sintetizar e facilitar a visualização dos resultados, criou-se uma pontuação (escala de 0 a 100) para cada afirmação (tabela 12). Designou-se peso 3 para a porcentagem de concordo totalmente, peso 2 para a porcentagem de concordo, peso 1 para discordo e peso zero para discordo totalmente.[12] Assim, em uma situação em que 100% dos sujeitos concordassem totalmente, a pontuação seria 100; caso 100% discordassem totalmente, a pontuação seria zero; caso a população estivesse perfeitamente dividida, com uma distribuição idêntica entre concordo (totalmente) e discordo (totalmente), a pontuação seria 50.

12. Pontuação = [(%concordo totalmente*3) + (%concordo*2) + (%discordo*1) + (%discordo totalmente*0)]/3*100.

TABELA 12
Pontuação da escala Likert – afirmações do questionário

Afirmações	Jaboticabal	Olímpia	Bebedouro
1. (*Nome da cidade)* é uma cidade desenvolvida.	39,6	43,5	38,1
2. (*Nome da cidade)* já foi um dia mais desenvolvida do que hoje.	44,8	38,0	65,6
3. Durante os últimos vinte anos, (*nome da cidade)* se desenvolveu.	58,7	65,5	42,6
4. As pessoas da cidade acham que (*nome da cidade)* é uma cidade desenvolvida.	40,5	47,9	38,1
5. As pessoas da cidade acham que (*nome da cidade)* já foi um dia mais desenvolvida do que hoje.	45,5	38,8	65,7
6. As pessoas da cidade acham que, durante os últimos vinte anos, (*nome da cidade)* se desenvolveu.	55,3	62,9	41,5
7. (*Nome da cidade)* é mais desenvolvida do que Ribeirão Preto/São José do Rio Preto.	16,1	20,3	14,3

Elaboração dos autores.

Em suma, essas respostas indicam que, em Jaboticabal e em Olímpia, existe a percepção de que o município está em processo de desenvolvimento, mas (ainda) não se pode considerá-lo desenvolvido. Em Bebedouro, a percepção é a de que o município já foi desenvolvido, mas deixou de sê-lo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio de uma pesquisa de levantamento, este artigo mediu as percepções dos habitantes de três municípios paulistas a respeito do desenvolvimento de suas respectivas cidades, confrontando estas percepções com a evolução recente da economia e do desenvolvimento destes municípios.

Entre 1991 e 2010, Jaboticabal, Olímpia e Bebedouro viveram efetivamente um processo de desenvolvimento, com significativos avanços em seu IDHM (entre 2000 e 2010, avançaram acima da média estadual), atingindo, em 2010, o grau de *alto desenvolvimento humano*. Dessa forma, atualmente podem ser considerados municípios desenvolvidos, do ponto de vista do paradigma do *desenvolvimento humano*.

Os resultados do levantamento mostram que os habitantes dos três municípios têm percepções significativamente diferentes em relação às suas cidades "terem sido mais desenvolvidas no passado": a minoria dos jaboticabalenses e dos olimpienses concorda com essa afirmação, enquanto a maioria dos bebedourenses concorda com ela.

Também, os entrevistados olimpienses têm alta percepção de que a cidade "se desenvolveu nos últimos vinte anos", bem como os jaboticabalenses, embora em uma proporção inferior; no entanto, novamente, há uma percepção oposta em Bebedouro.

O que pode explicar essa divergência de percepção dos habitantes de Bebedouro, em comparação aos de Jaboticabal e Olímpia?

Considera-se que essa percepção está relacionada ao instável desempenho econômico recente de Bebedouro, caracterizado por fortes oscilações de seu PIB e pela queda de seus empregos industriais, consequência de sua vulnerabilidade econômica em função da dependência do setor citrícola. Jaboticabal e Olímpia – apesar de terem importância econômica menor que Bebedouro, ou seja, PIBs menores – tiveram desempenho econômico mais estável no período entre 1991 e 2014.

Por isso, constatou-se que as percepções do desenvolvimento parecem estar mais relacionadas à evolução econômica recente dos municípios, descoladas da evolução de seu desenvolvimento, sob a ótica do *desenvolvimento humano* e medido pelo IDHM. Em outras palavras, na visão da maioria dos habitantes, *o processo de desenvolver-se* parece estar vinculado ao dinamismo econômico da localidade.

O artigo, assim, corrobora os estudos recentes que trataram do desenvolvimento em diversos municípios, sob o prisma de suas percepções/representações/visões, cujos resultados apontaram para o desenvolvimento como um fenômeno relacionado à expansão/dinamismo econômico/industrial.

Quando se mediu a percepção de que "a cidade é (atualmente) desenvolvida", os resultados do levantamento mostram que, nos três municípios, a maioria dos habitantes não as considera assim. Mesmo em Jaboticabal e Olímpia, cuja maioria dos habitantes avaliou que suas cidades se desenvolveram nos últimos vinte anos, a maioria também tem a percepção de que suas cidades não são (hoje) desenvolvidas. Esta percepção é ainda mais negativa entre os habitantes de Bebedouro – somente 25,2% concordam, total ou parcialmente, que a cidade é desenvolvida.

Isso revela um descasamento entre a percepção e o estado atual do desenvolvimento nestes municípios. Bebedouro, por exemplo, cujos sujeitos têm a menor percepção de que sua cidade é desenvolvida (apenas 25,20% concordam, total ou parcialmente), é o 128º colocado no *ranking* nacional do IDHM, dezessete posições acima de Jaboticabal e 69 acima de Olímpia.

Essa visão negativa dos habitantes é reforçada pela baixíssima percepção de que suas cidades são mais desenvolvidas que suas capitais regionais de influência (as discordâncias desta afirmação, nas três cidades, são em torno de 97%), e pela disposição em sair da cidade, caso pudessem (aproximadamente metade dos entrevistados responderam sim a essa pergunta, ocorrendo em Bebedouro a maior disposição, com 51,5%).

Como mostram os próprios exemplos de Jaboticabal, Olímpia, Bebedouro e de muitos outros municípios espalhados pelo país, é naturalmente possível

que um município de médio (e também de pequeno) porte seja desenvolvido. Todavia, o artigo mostra que os habitantes têm dificuldade para *perceber* isso, mesmo nas localidades que não vivem nenhum tipo de instabilidade e/ou declínio econômico, a exemplo de Olímpia.

Que implicações estes resultados podem trazer, em termos de planejamento e políticas públicas locais? Em primeiro lugar, uma percepção do desenvolvimento vinculada fortemente à conjuntura econômica local e pouco vinculada à melhoria de indicadores sociais pode acabar por influenciar a própria orientação da política municipal, no sentido de supervalorizar-se a dimensão econômica – por exemplo, buscando-se, a qualquer custo, atrair empresas/indústrias ao município –, em detrimento da dimensão social, uma vez que isso seria mais valorizado/percebido pela população.

E, em segundo lugar, deve-se atentar para o fato de que diferentes percepções se refletem em diferentes expectativas (positivas ou negativas), as quais podem acabar por influenciar o próprio desempenho econômico local, na medida em que podem se tornar "profecias autorrealizáveis",[13] por meio de aumento/redução de consumo, investimentos etc.

Para outros estudos relacionados a esta temática, sugere-se: *i)* identificar como o porte/classificação do município ou sua posição na rede urbana determina/influencia a percepção de seu desenvolvimento; por exemplo, habitantes de municípios *pequenos*, *médios* e *grandes* têm diferentes percepções do desenvolvimento de suas cidades?; *ii)* investigar se (como e por que) as percepções se alteram ao longo do tempo, em um mesmo município ou conjunto de municípios; *iii)* identificar se (e como) a percepção (positiva ou negativa) de desenvolvimento do município e/ou a propaganda do poder público local são capazes de gerar expectativas (otimistas ou pessimistas), de forma a impulsionar (ou prejudicar) o desempenho econômico local.

REFERÊNCIAS

AMORIM FILHO, O. B.; SENA FILHO, N. **A morfologia das cidades médias**. Goiânia: Ed. Vieira, 2005.

BELLINGIERI, J. C. Origem e evolução da aglomeração de empresas fabricantes de filtros de água em Jaboticabal-SP: 1920-2005. **História Econômica & História de Empresas**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 143-169, jan./jun. 2007.

13. Termo criado por Robert Merton, que estudou a "corrida aos bancos": a partir de um falso boato de que um banco faliu, os correntistas apressam-se para sacar seus recursos, provocando de fato sua falência. Considerando-se a proposição de Keynes (1985) de que as decisões de produção e de investimento das empresas são guiadas, respectivamente, por expectativas de curto e de longo prazos, pode-se supor que, por exemplo, expectativas pessimistas podem levar as empresas a tomar decisões de redução de produção e de investimento que produziriam resultados que sancionariam suas expectativas iniciais.

BELLINGIERI, J. C.; BORGES, A. C. G.; SOUZA, J. G. Interpretações sobre fatores de exclusão de pequenos agricultores no setor citrícola. **Estudos Geográficos**, Rio Claro, v. 10, p. 27-42, jan./jun. 2012.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Cadastro Geral de Empregados e Desempregados – Caged**. Brasília: MTE, 2015. Disponível em: <https://goo.gl/Bw6W8i>. Acesso em: 17 jan. 2015.

CALEGARO, C. F. **Uma percepção local do desenvolvimento sustentável**: o caso do município de Entre-Ijuís – RS. 2010. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento) – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2010.

CAPALBO, C. R. **A história de Jaboticabal**: 1979-1997 e outras histórias. Jaboticabal: Multipress, 1999.

DELFINO, D. S. **Desenvolvimento e planejamento urbano na cidade de Jaguaruna/SC**: representação e atuação dos atores locais. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) –Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

DIEHL, A. A.; TATIM, D. C. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas**: métodos e técnicas. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

DUNDES, A. C. O poder local e a indústria: uma análise do discurso desenvolvimentista prudentino. *In:* SPOSITO, M. E. B. (Org.). **Textos e contextos para a leitura geográfica de uma cidade média**. Presidente Prudente: [s.n.], 2001.

DURHAM, E. R. A sociedade vista da periferia. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 1, p. 84-99, 1986.

ESCOBAR, A. **La invención del tercer mundo**: construcción y deconstrucción del desarrollo. Caracas: Fundación Editorial el Perro y la Rana, 2007.

ESTEVA, G. Desenvolvimento. *In:* SACHS, Wo. (Org.). **Dicionário do desenvolvimento**: guia para o conhecimento como poder. Petrópolis: Vozes, 2000.

FOWLER JUNIOR, F. J. **Pesquisa de levantamento**. 4. ed. Porto Alegre: Penso, 2011.

IAOCHITE, J. C. **Novos tempos e antigas espacialidades**: o polo cerâmico e as inércias espaciais no contexto da produção do espaço urbano de Santa Gertrudes – SP. 2008. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2008.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Regiões de Influência das Cidades (Regic) – 2007**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. Disponível em: <https://goo.gl/QrcvBG>. Acesso em: 10 ago. 2015.

IZIDORO FILHO, M. **Reminiscências de Bebedouro**. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1991.

KEYNES, J. M. **A teoria geral do emprego, do juro e da moeda**. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

LATOUCHE, S. Padrão de vida. *In:* SACHS, W. (Org.). **Dicionário do desenvolvimento**: guia para o conhecimento como poder. Petrópolis: Vozes, 2000.

LAYRARGUES, P. P. Do ecodesenvolvimento ao desenvolvimento sustentável: evolução de um conceito? **Proposta**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 71, p. 5-10, 1997.

MARANGONI, J. M. J. **Olímpia**: cidade menina-moça: 1857-1941. Olímpia: Centrograf, 2001.

MARTINEZ, R. S. **Desenvolvimento local de Bebedouro – SP***:* análise da política municipal de atração de empresas. 2011. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Centro Universitário de Franca, Franca, 2011.

NOBRE, M.; AMAZONAS, M. **Desenvolvimento sustentável**: a institucionalização de um conceito. Brasília: Edições Ibama, 2002.

PNUD – PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Institucional**. [s.l.]: [s.n.], 2015. Disponível em: <https://goo.gl/NmjTGT>. Acesso em: 27 jun. 2015.

PNUD – PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO; IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; FJP – FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil**. Brasília: Pnud; Ipea; FJP, 2013. Disponível em: <https://goo.gl/cZr44M>. Acesso em: 10 jan. 2015.

RAMALHO, J. R.; SANTANA, M. A. A indústria automobilística no Rio de Janeiro: relações de trabalho em um contexto de desenvolvimento regional. *In:* NABUCO, M. R.; NEVES, M. A.; CARVALHO NETO, A. M. **Indústria automotiva**: a nova geografia do setor produtivo. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

RODRÍGUEZ-POSE, A.; ARBIX, G. Estratégias do desperdício: a guerra fiscal e as incertezas do desenvolvimento. **Revista Novos Estudos**, São Paulo, n. 54, p. 55-71, jul. 1999.

SACHS, I. Repensando o crescimento econômico e o progresso social: o âmbito da política. *In:* ARBIX, G.; ZILBOVICIUS, M.; ABRAMOVAY, R. (Orgs.). **Razões e ficções do desenvolvimento**. São Paulo: Editora Unesp; Edusp, 2001.

_____. **Desenvolvimento**: includente, sustentável, sustentado. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

SACHS, W. Meio ambiente. *In:* SACHS, W. (Org.). **Dicionário do desenvolvimento**: guia para o conhecimento como poder. Petrópolis: Vozes, 2000.

SANTOS, G. E. O. **Cálculo amostral**: calculadora on-line. [s.l.]: [s.n.], 2015. Disponível em: <https://goo.gl/SywiDc>. Acesso em: 17 jan. 2015.

SÃO PAULO. Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados. **Informações dos municípios paulistas**. São Paulo: Seade, 2015a. Disponível em: <https://goo.gl/wFpc2J>. Acesso em: 10 jan. 2015.

_____. Prefeitura Municipal de Olímpia. **Institucional**. Olímpia: Prefeitura Municipal de Olímpia, 2015b. Disponível em: <https://goo.gl/5DfkiC>. Acesso em: 20 jul. 2015.

SAQUET, D. B.; SAQUET, M. A. Parques industriais, fluxos e redefinições do espaço urbano. *In:* SPOSITO, E.; SPOSITO, M. E. B.; SOBARZO, O. (Orgs.). **Cidades médias**: produção do espaço urbano e regional. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SOUZA, J. G. **Camaçari, as duas faces da moeda**: crescimento econômico x desenvolvimento social. 2006. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Urbano) – Universidade Salvador, Salvador, 2006.

SOUZA. M. J. L. **ABC do desenvolvimento urbano**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

SPOSITO, M. E. B. Loteamentos fechados em cidades médias paulistas – Brasil. *In:* SPOSITO, E.; SPOSITO, M. E. B.; SOBARZO, O. (Orgs.). **Cidades médias**: produção do espaço urbano e regional. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

STIGLITZ, J. E.; SEN, A.; FITOUSSI, J. P. **Report by the Commission on the Measurement of Economic Performance and Social Progress**. Paris: Insee, 2009. Disponível em: <https://goo.gl/zdzR4W>. Acesso em: 4 out. 2016.

SZTOMPKA, P. **A sociologia da mudança social**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

TARTAGLIA, J. C.; OLIVEIRA, J. L. (Orgs.). **Modernização e desenvolvimento no interior de São Paulo**. São Paulo: Editora Unesp, 1988.

UN – UNITED NATIONS. **Indicators of sustainable development:** guidelines and methodologies. 3rd ed. New York: United Nations, 2007. Disponível em: <https://goo.gl/SMXyoG>. Acesso em: 4 out. 2016.

UNDP – UNITED NATIONS DEVELOPMENT PROGRAMME. **Human Development Report 1990.** Oxford: Oxford University Press, 1990. Disponível em: <https://goo.gl/qW9Gp6>. Acesso em: 4 out. 2016.

URA, K. *et al.* **An extensive analysis of GNH Índex**. Thimphu: Centre for Bhutan Studies, 2012. Disponível em: <https://goo.gl/2cr8Fn>. Acesso em: 4 out. 2016.

VEENHOVEN, R. The four qualities of life. **Journal of Happiness Studies**, v. 1, p. 1-39, 2000.

VEIGA, J. E. **Desenvolvimento sustentável**: o desafio do século XXI. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

VIEIRA, S. **Como elaborar questionários**. São Paulo: Atlas, 2009.

VITTE, C. C. S. *et al.* Novas abordagens de desenvolvimento e sua inserção na gestão de cidades. *In:* KEINERT, T.; KARRUZ, A. P. (Orgs.). **Qualidade de vida**: observatórios, experiências e metodologias. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2002.

Data de submissão: 26/12/2016
Primeira decisão editorial em: 22/05/2017
Última versão recebida em: 01/06/2017
Aprovação final em: 13/06/2017